Introdução

Evanir Pavloski

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PAVLISKI, E. Introdução. In: *1984: a distopia do indivíduo sob controle* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014, pp. 11-15. ISBN 978-85-7798-218-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Tudo o que era deixou de ser, tudo o que será não é ainda.

Musset

Ao longo da história das sociedades humanas, nos deparamos com recorrentes reflexões e teorizações sobre as estruturas sociais e os regimes políticos que organizam as mais diferentes comunidades. A inquietação com os desajustes da realidade social constantemente motiva pensadores e artistas a buscarem alternativas que apontem para a possibilidade de uma reestruturação profunda, senão completa, das relações entre indivíduos e da sociedade.

Não raramente, essa tendência reflexiva impulsiona o surgimento de modelos sociais exemplares e idealizados que, ao serem contrapostos com o universo experimental dos sujeitos, salientam os problemas e as deficiências a serem solucionadas pelos Estados. Criações desse tipo, ao mesmo tempo políticas e artísticas, são comumente incluídas no grupo das utopias.

Entretanto, delinear os limites teórico-práticos dessa categoria e a multiplicidade de produções que podem ser nela inseridas representa

uma tarefa pouco simples. Indubitavelmente, uma descrição pormenorizada de um *ethos* considerado perfeito – seja produto da criação imaginativa, seja projeção metafísica de existência possível – pode ser facilmente reconhecida como uma produção utópica. Todavia, uma proposta de reforma constitucional não pode conter em suas linhas o germe do pensamento utópico? Os discursos caracteristicamente entusiasmados que elevam os processos de globalização ao marco central de nosso tempo não servem como mecanismos de divulgação de um ideal de sociedade? E quanto à formação de blocos econômicos multiculturais na Europa, na América e na Ásia? E os movimentos reacionários a essas comunidades internacionais que exaltam as culturas ancestrais e não dominantes? Ainda estamos a discorrer sobre exemplos marcados pelo signo da utopia? E, nesse sentido, o capitalismo e os regimes totalitários não podem ser interpretados sob a luz desse mesmo signo?

Em primeiro lugar, é necessário distinguir a forma que o pensamento utópico pode assumir nas mais diferentes construções. O utopismo pode se manifestar como elemento constitutivo e mesmo definidor de uma visão espiritualista, de um projeto político, de um movimento sociocultural, de uma obra literária ou de uma variedade muito extensa de produções. Nesse tipo de manifestação, a potencialidade pragmática do componente utópico pode oscilar desde a discriminação meticulosa de etapas de realização até o mais puro idealismo abstrato. À guisa de exemplificação, poderíamos citar, de um lado, as reformas democráticas que tomaram lugar em vários países na segunda metade do século XX e, de outro lado, a maneira pela qual a romancista estado-unidense Toni Morrison caracteriza o continente africano na obra *Canção de Salomão*. Ao longo de todo o *spectrum*, no entanto, o contraste entre aspectos da realidade experimental da época e aqueles apresentados pelos projetos ou idealizações determina o reconhecimento dos elementos utópicos.

Sem dúvida, a literatura serviu de campo fértil para a proliferação dos ideais utópicos enquanto elementos constitutivos de obras de criação, a ponto de o historiador e filósofo Jerzy Szachi (1972) defender a impossibilidade prática em quantificar, mesmo que aproximadamente, o número desse tipo de produção.

Neste ponto, encontramos outro modo de manifestação do pensamento utópico, o qual, diante de nossos objetivos de análise, revela-se como essencial. Em diversas obras da literatura mundial,

o utopismo não é apenas um elemento temático do texto, mas a base sobre a qual toda a figuração literária é estruturada. Considerando que a cunhagem do termo utopia se deu justamente a partir de uma obra com tal característica, parece-nos coerente e relevante distinguir um gênero literário particular comumente denominado de *gênero utópico*.

Os textos incluídos sob essa categorização figuram sociedades complexas e estruturadas que, dentre outras características, servem como suporte para um processo de espelhamento das comunidades históricas. Por meio dessa representação contrastiva, os desvios e as iniquidades da realidade experimental são evidenciados e problematizados. Em outros termos, o caráter modelar dos espaços ficcionais nas obras serve não apenas como mecanismo retórico de crítica social, mas, também, como discurso exortativo para a transformação dos aspectos considerados negativos. Não se trata, necessariamente, de um projeto de implantação da utopia no universo experimental, mas de uma análise judiciosa de elementos que o compõem.

Entretanto, o efeito transformador proposto pelos utopistas nem sempre se constrói sobre bases fundadas no otimismo e no idílio social. Muitas obras apresentam espaços ficcionais caracterizados pela extração dos aspectos negativos presentes na sociedade. Dessa forma, as chamadas distopias ou antiutopias veiculam suas reflexões e críticas por meio da figuração de um verdadeiro pesadelo social.

A primeira metade do século XX foi, sem dúvida, o momento histórico no qual os textos distópicos foram mais abundantes. Seja pela perplexidade causada pela Primeira Guerra Mundial, seja pela consternação com a ascensão dos governos totalitários, o pensamento utópico na literatura projetou suas reflexões para um futuro social marcado pela homogeneidade e pela restrição da liberdade individual.

É nesse contexto de mudança paradigmática do utopismo que o romance de George Orwell assume uma posição de grande destaque e relevância nas discussões político-sociais que permearam o século. Ao figurar em *1984* um espaço social aterrador e caracteristicamente totalitário, Orwell dialoga não apenas com os eventos históricos de seu passado recente, mas também com correntes teórico-críticas que buscam descrever seus impactos e analisar seus desdobramentos.

Diante disso, a presente obra objetiva contribuir para o preenchimento de uma lacuna na área dos estudos literários no Brasil, uma vez

que, apesar de ser um autor relativamente conhecido no país, há uma bibliografia restrita sobre o pensamento e a literatura de George Orwell.

Além disso, o estudo do romance em questão permite não apenas um aprofundamento crítico-analítico do utopismo enquanto linha de pensamento e matriz para figurações literárias, mas, também, a relação dos temas apreensíveis na narrativa com áreas afins das ciências humanas, como a história, a política, a sociologia, a teologia, a filosofia e os estudos culturais.

Para atingir esses objetivos, a obra se dividirá em três capítulos que, com as respectivas subdivisões, delinearão um processo de aprofundamento conceitual e analítico, visando não apenas uma discussão mais produtiva, mas também uma compreensão mais incisiva do romance *1984* e de alguns de seus elementos constituintes.

O primeiro capítulo servirá de espaço para o esclarecimento de definições e conceitos pertinentes ao pensamento utópico e para um percurso histórico-crítico sobre as transformações sofridas pelo utopismo ao longo dos séculos. A primeira seção desse capítulo discutirá a origem do termo utopia e as reflexões e problematizações que foram formuladas ao longo de sua constante permanência nas sociedades históricas. Por sua vez, a segunda seção analisará o aparente desgaste das formulações utópicas no século XIX e a consequente ascensão das narrativas distópicas como reação aos projetos idílicos anteriores. Finalmente, a terceira seção focalizará uma característica apontada como comum a ambas as produções: o controle do indivíduo, ou seja, a necessidade de dominação e manipulação da coletividade em prol da harmonia dos regimes idealizados. Tais discussões não serão de ordem unicamente teórica, mas incluirão apontamentos que remeterão diretamente ao romance de George Orwell, método de análise que servirá de preparação para a abordagem específica do texto, na qual, irremediavelmente, os aspectos teóricos serão retomados.

O segundo capítulo analisará, a partir do horizonte teórico delineado, a obra *1984*, tendo como parâmetro a caracterização e a trajetória da personagem Winston Smith. Nas três seções que o compõem, serão examinadas três facetas do protagonista da obra que servem como mecanismos de desvelamento da estrutura social figurada por Orwell. Nas duas primeiras seções, essas facetas serão desmembradas em aspectos complementares que fornecerão um plano mais íntegro do romance, tanto em sua dimensão estética quanto temática.

O terceiro e último capítulo apresentará as conclusões alcançadas por meio das análises desenvolvidas e buscará responder ao seguinte questionamento: a contemporaneidade ainda reserva espaço para o utopismo enquanto forma de pensamento e olhar sobre a realidade?

Com as discussões aqui propostas e desenvolvidas nas páginas seguintes, esperamos incitar os leitores a estender um olhar para a realidade que perceba e questione as miragens idílicas e os pesadelos latentes que nela podem ser encontrados.